



PAIS BIÓGRAFOS. ESCRITURAS PARENTAIS E DIÁRIOS DE NASCIMENTO

Véronique Francis¹

Professora da IUFM Universidade de Orléans, França
Pesquisadora do CREF (Centro de Pesquisas Educação e Formação)², 1589, Paris-X-Nanterre
Equipe Educação Familiar e Intervenções Socioeducativas Dirigidas às Famílias

Tradução de **Ana Cristina Cruz e Anete Abramowicz**

Resumo

Este artigo analisa as escrituras parentais acerca do nascimento e da primeira infância. Fragmentos biográficos ou enunciados desenvolvidos acompanhados ou não de fotografia, estas escrituras podem se inserir nas seções de um diário de nascimento no setor de edição, ser arquivadas em um caderno em nome da criança ou fixadas na Internet por meio do formato eletrônico do *blog*. Vários estudos qualitativos (FRANCIS, 2006, 2007, 2010) permitiram cruzar diferentes tipos de dados: a estrutura e a organização do diário de nascimento, os textos realizados pelos futuros pais e parentes, assim como, as entrevistas realizadas com as famílias – pais e filhos – tendo por objetivo abordar as práticas familiares em torno destes objetos. Os resultados mostram que as escrituras parentais demonstram as representações sobre a família, a infância e sobre o papel dos pais. Na fronteira entre as “escritas de si” e as “escritas para os outros” (SIMONET-TENANT, 2001; LEJEUNE ET BOGAERT, 2006), os diários de nascimento podem ser definidos como objetos de conotação memorial. Eles são uma oportunidade para as atividades de linguagem que buscam, em primeiro lugar, fixar pela escrita e pela imagem a história familiar e, em segundo lugar, para evocar e transmitir a memória familiar. Se o estudo das práticas familiares em torno dos *blogs* e dos diários de nascimento destacam as figuras dos *pais biógrafos* (FRANCIS, 2006) e o papel da criança, o estudo situa igualmente a atividade biográfica dos pais em sua extensão socializadora.

¹ Professora em Ciências da Educação no Instituto de Formação de Professores da Universidade de Orléans (França). Pesquisadora do Centro de Pesquisas Educação e Formação (CREF) da Universidade Paris Ouest Nanterre é membro da equipe Educação Familiar e Intervenções Socioeducativas com as Famílias. Suas pesquisas centram-se sobre as práticas de leitura e de escritas familiares bem como parcerias de aprendizagem da família em torno da escolaridade. Recentemente foi responsável pelos estudos sobre os dispositivos de acompanhamento da educação e apoio aos pais no quadro de políticas de Desempenho Escolar. É editora da Revista Internacional de Educação Familiar (RIEF).

http://www.u-paris10.fr/63553707/0/fiche_pagelibre/&RH=CREF+-EDFAM&RF=1212764297962.

² Centre de Recherches Éducation et Formation.



Palavras-chave: primeira infância, representação da infância, socialização da infância, escrituras parentais.

Veja também a versão original em francês publicada nesta edição.

PARENT BIOGRAPHERS. FAMILY SCRIPTURES AND BIRTH DIARIES

Abstract

This paper examines the parental writings about birth and infancy. Biographic fragments or texts, with or without photographs, can fit into the sections of a baby record book. They can also be archived in babies' diaries or on the Internet, in the family's blog. Several qualitative researches (FRANCIS, 2006, 2007, 2010) cross various types of data: the structure and the organization of babies' books, texts written by parents and semi-directives interviews with parents and children. The purpose was to approach the family practices. The results show that the parental writings depict representations of family, childhood and mothers' and fathers' roles. At the border of the "self-writings" and "writings for others" (SIMONET-TENANT, 2004; LEJEUNE & BOGAERT, 2006) babies' books and blogs can be defined as memory objects. They give opportunity of linguistic activities to fix the family history and the family memory. The study of the family practices in blogs and babies' books underlines the figures of the parent biographer (FRANCIS, 2006) and places also the bibliographic activity of the parent in its socializing scale.

Key words: primary childhood, childhood representation, childhood socialization, family scriptures.

See also the original French version published in this issue.

LE PARENT BIOGRAPHE. ÉTUDE DES ECRITURES PARENTALES ET JOURNAUX DE NAISSANCE

Résumé

Cet article examine les écritures parentales autour de la naissance et de la prime enfance. Bribes biographiques ou énoncés développés accompagnant ou non la photographie, ces écrits peuvent s'insérer dans les rubriques d'un journal de naissance du secteur de l'édition, être archivés dans un cahier au nom de l'enfant ou s'afficher sur Internet grâce au support électronique du blog. Plusieurs études qualitatives (FRANCIS, 2006, 2007, 2010) ont permis de croiser différents types de données : la structure et l'organisation de journaux de naissance, les textes réalisés par les futurs parents et parents, ainsi que des entretiens réalisés auprès



des familles - parents et enfants - ayant pour objectif d'aborder les pratiques familiales autour de ces objets. Les résultats montrent que les écritures parentales donnent à voir des représentations sur la famille, l'enfance et le rôle du parent. A la frontière des « écritures du moi » et des « écrits pour autrui » (SIMONET-TENANT, 2001; LEJEUNE et BOGAERT, 2006) les journaux de naissance peuvent être définis comme des objets à connotation mémorielle. Ils sont l'occasion d'activités langagières qui cherchent, dans un premier temps, à fixer par l'écrit et l'image l'histoire familiale puis, dans un second temps, à évoquer et transmettre la mémoire familiale. Si l'étude des pratiques familiales autour des blogs et journaux de naissance souligne les figures du *parent biographe* (FRANCIS, 2006) et le rôle de l'enfant, elle situe également l'activité biographique du parent dans son ampleur socialisatrice.

Mots-clés: prime enfance, représentation de l'enfance, socialisation des enfants, écritures parentales.

Voir aussi la version originale française publiée dans ce numéro.

PAIS BIÓGRAFOS. ESCRITURAS PARENTAIS E DIÁRIOS DE NASCIMENTO

Entre os presentes dados ao bebê, às vezes, mesmo antes do seu nascimento, um deles estará sujeito a constantes transformações que os pais farão evoluir, com os membros da família e as próprias crianças, é o diário de nascimento.

Muitos desses diários à venda no comércio solicitam práticas de escrituras «enquadradas», os pais³ são convidados a preencherem diferentes seções ilustrando os momentos marcantes do nascimento e da infância.

Locais mais ou menos numerosos são planejados para a fotografia e atualmente, incluem envelopes ou bolsas que podem conter muitas vezes os “tesouros da infância” conservados pelos pais. Na tela, são os *blogs* que testemunham as representações dos pais sobre o nascimento, a maternidade e a paternidade. As histórias são compostas por várias mãos, elas são feitas conjuntamente pelo pai e pela mãe ou, em outro nível, tendo em conta simplesmente os comentários realizados pelos leitores, membros da família, amigos e visitantes do *blog* (FRANCIS e CADEI, 2011).

A primeira parte deste artigo traça segundo uma abordagem sociohistórica, a emergência das escrituras parentais como práticas ordinárias que registram “os eventos menores ou maiores que tecem a trama do cotidiano” (CHARTIER, 2001). Frequentemente colocadas à margem das práticas sociais, as

³ Em francês *parent*, iremos traduzir por pais, já que o texto fala de pai e mãe (podendo também indicar alguém da família). N.T.



escrituras ordinárias não podem ser reduzidas somente na sua dimensão funcional (FABRE, 1993). Elas são instrumentos de pensamento que favorecem os processos de distanciamento e de objetivação (LAHIRE, 1993a). Elas engajam as pessoas nas condutas de apropriação das situações e têm efeitos sobre os modos de percepção e de relação com o mundo (GOODY, 1977), por isso é importante considerá-las.

Na segunda e terceira parte, o artigo examina o lugar destes escritos acerca do nascimento, bem como os papéis que os pais e as crianças lhes atribuem. A análise é proposta a partir do material coletado durante os estudos qualitativos realizados na França e na Itália (FRANCIS, 2006, 2007, 2010; FRANCIS e CADEI, 2010, 2011) que permitem cruzar vários tipos de dados: a estrutura e a organização dos diários de nascimento, os textos realizados pelos futuros pais, bem como as entrevistas realizadas com as famílias, os pais e filhos. Ao mostrar as práticas de linguagem, as escritas familiares permitem aproximar as representações sobre a família, a criança ou ainda a função dos pais.

1-As escrituras parentais ao longo do tempo

A escritura da memória familiar

A partir do século XV, graças ao uso do papel, os suportes de escritura se generalizam na Europa. Os registros reservados à contabilidade doméstica e ao patrimônio familiar, sendo realizados em sua maioria pelos homens, são muito diferentes segundo o ambiente e seus autores (MOUYSSSET, 2007). No entanto, por causa da atenção ao cotidiano e das práticas minuciosas de registrar decorrentes dos tempos modernos, muitos são os atos de escrituras diárias que informam sobre a chegada das crianças ao mundo. As escrituras parentais⁴ aparecem ao longo das páginas dos livros de registros (*livres de raisons*⁵) e dos livros de família – as *ricordanze* na Itália – cuja função é assegurar e conservar certas formas da memória familiar (TRICARD, 2002). Elas fazem referência à espera do nascimento das crianças, do batismo, das escolhas para a sua educação, às vezes apenas para mencionar os custos que elas geraram. Alguns desses escritos de um indivíduo sobre si mesmo, sobre sua atividade, sobre sua família e a comunidade, expõem os sentimentos paternos e maternos em relação às crianças ou ainda as esperanças e medos dos cônjuges quando surge uma doença. Quanto às “escritas de foro privado”, memórias,

⁴ Écriture parentales – preferimos traduzir como parentais do que familiares. N.T.

⁵ Um *livre de raison* é um tipo de diário que se tornou uma prática cultural européia difundida no início do século XIV que consiste em um livro no qual as famílias registraram desde os dados sobre despesas domésticas variadas como custeios diversos e ainda anotações sobre os membros da família ou particularidades de suas histórias; é como um diário que podia ser deixado de herança para as seguintes gerações. Optamos por uma nomenclatura que aproximasse o sentido e uso do objeto utilizando o termo livros de registros (N.T.).



autobiográficas, diários pessoais ou íntimos, mais frequentemente utilizadas por mulheres do que os livros de contas e de registros, elas revelam de maneira ainda mais desenvolvida estas escrituras parentais.

No século XVIII, crônicas privadas e práticas epistolares se difundem (DUFIEF, 2000). Da mesma maneira que os escritos de registro de intimidade sobre o nascimento, a infância e a experiência do adulto durante estes períodos da vida onde eles se tornam pais. As escrituras parentais se desenvolvem na época em que surge um modelo familiar centrado na criança e sobre o lugar da afetividade no seio da família burguesa.

Na França, um dos primeiros diários de nascimento em estado conservado e conhecido, é o “diário de paternidade” (“*journal de paternité*”) criado em 1781 por um diplomata, Charles-Etienne Coquebert de Montret⁶. Sua leitura permite constatar que a descrição das práticas e dos sentimentos dos pais dá lugar a um verdadeiro trabalho memorialístico de um pai que descreve, antes mesmo do nascimento da criança e durante o seu crescimento, os pequenos acontecimentos que modificam o cotidiano familiar para esta nova presença, assim como as reflexões do casal sobre suas novas responsabilidades.

O interesse pela narrativa dos primeiros meses de vida deve ser associado ao sentimento de infância descrito por Ariès (1960) que lança nova luz sobre o período da pequena infância e da própria criança, ela mesma, tema da memória familiar. A difusão do discurso acadêmico sobre as novas práticas de cuidado e de educação passa pela mediação da voz infantil. Entre os séculos XVII e XIX, inúmeros livros, em formato menor e de cor azul, da literatura de *colportage* (*literature de colportage*⁷) são destinados aos camponeses, artesãos, lojistas e comerciantes compostos de conselhos sobre a maneira de se cuidar das crianças (ANDRIES e BOLLEME, 2003).

A imprensa especializada veicula as representações da educação e da infância incorporando às vezes, o olhar da criança. Assim, em 1897 *La Jeune Mère* (*A Jovem Mãe*), primeira revista de higiene e de educação da infância, anuncia as suas leitoras a publicação em episódios semanais das “*Mémoires d’un Bébé d’un an*” (“*Memórias de um Bebê de um ano*”). A apresentação feita por um médico desta obra escrita por um colega ilustra tanto o papel da voz dada ao bebê como a astúcia estilística destinada a reforçar o impacto do discurso prescritivo: “*É o próprio Bebê quem fala: ele conta suas impressões no meio de um mundo novo*

⁶ *Diário da vida de Ernest* (1781-1784) por Charles-Etienne Coquebert de Montbret, seguido de *Cartas de Cécile* (1784-an VII) e das *Cartas para Eugène* (1788), para Madame Charles-Etienne Coquebert de Montbret, caderno capa de couro, Biblioteca municipal de Rouen.

⁷ A *literature de colportage* é um tipo de material literário produzido no contexto europeu entre os séculos XVI e XVIII composto de livro, em formato menor, distribuído em estabelecimentos comerciais, escolas e ruas com temas diversos como cuidados e regras de conduta social, o formato dos materiais impresso em folheto expostos nas ruas é semelhante ao da literatura de cordel brasileira (<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/480/292>) (N.T.).



apreciando os cuidados diversos que você pode oferecer, às vezes criticando (...) ele se apercebe os inúmeros preconceitos que regem frequentemente a educação do primeiro ano (...). Bebê tem um aliado para ajudar: é o médico de família.” O autor desse texto elogia a forma graciosa e ao mesmo tempo humorística que permite “*passar em revista tudo que se trata da Educação da primeira idade*”.

Os diários de nascimento se inspiram então, em parte, nas publicações onde o bebê, considerado como uma pessoa dotada de fala, narra ele mesmo a sua infância. Eles visam fins específicos tais como a luta contra a mortalidade infantil, a formação das mães ao modelo higienista, assim como a promoção de práticas e de valores educativos. O investimento na criança, alvo de uma implicação de diferentes ofícios e de uma renovada atenção dos pais. Estes elementos, sem dúvida encorajaram fortemente a produção das escrituras parentais sobre o nascimento, ao mesmo tempo em que o diário pessoal ou íntimo se espalha entre os jovens de famílias burguesas. No nascimento de uma criança, o diário das jovens mães se cadencia sobre o crescimento e a criação da criança (MARTIN-FURGIER, 1987). Mas pode também se desdobrar, naquilo que ele se propõe ao abrir, ser um diário pessoal, e um diário *sobre e para* a criança.

A primeira página do diário de d’Edmée Guebin intitulado *Notre enfant (Nossa criança)* inicia sobre a maternidade (BERTHIAUD, 2009), em 10 de março de 1887: “*Acho que senti tremer em mim este querido e pequeno ser de futuro desconhecido que me faz feliz, e que me perturba estranhamente. Uma vida se revela nascida da minha, no entanto, independente, desde hoje eu a respeito*”. E em 13 de março ela se dirige novamente ao seu bebê: “*Quem será você criança? Nós te desejamos filha e, portanto, nos preparamos para amar você.*”⁸

Das cadernetas de saúde aos diários de nascimento

Desde o final do século XIX, as cadernetas de vigilância sanitária são distribuídas para prescrever, controlar, racionalizar e moralizar o cuidado com as crianças. Elas são destinadas principalmente a assegurar o acompanhamento das crianças com amas-de-leite e daqueles que dependem de assistência pública (ROLLET-ECHALIER, 1990).

No ano de 1915, enquanto a França está em guerra, a ofensiva contra uma alta taxa de mortalidade infantil é sustentada pelo Escritório Infantil da Cruz Vermelha Americana (*Children’s bureau de la Croix-Rouge*) que divulga folhetos e desenhos em quadrinhos de forma a garantir a educação das mães (KNIEBIELHER e FOUQUET, 1977). Uma grande empresa de leite para crianças aproveita esta oportunidade e oferece a sua clientela um diário ilustrado, com um fundo azul ou rosa dependendo do sexo da criança. As mães são incentivadas a “*não deixar perder nada do início da vida do seu bebê*”, para registrar sua

⁸ *Nosso filho* (1887-1889) por Edmée Guébin. Diário manuscrito. Arquivos Nacionais, 78 AP11.



alimentação, seu crescimento, as etapas do seu progresso, os eventos marcantes de sua existência. Também aqui, a forma de textos autobiográficos para serem completados, atribui à criança um olhar, por sua vez inocente ou malicioso, sobre o mundo que a rodeia e então ela parte para a conquista acompanhada por sua mãe no papel de biógrafa.

Posteriormente, esta “popularização dos diários de nascimento” (FINE, 2000) foi confirmada sob a influência conjunta de dois fatores: o papel das escrituras femininas amparadas pelo desenvolvimento da escolarização no interior do espaço doméstico (LAHIRE, 1993b) e a produção editorial abundante, constantemente renovada e muito criativa. Pode-se hoje colocar os diários de nascimento entre o que Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981) nomeiam de os objetos de conotação memorial. Há de fato uma fascinação importante dos adultos – os pais, mas também os avós ou próximos da mãe – como mediadores da lembrança. Estes suportes que prolongam e colocam em cena as memórias associadas ao tempo do nascimento e da infância, são uma oportunidade de atividades simbólicas e de linguagens que buscam inicialmente, fixar pela escrita e pela imagem a história familiar – por vezes com foco sobre “fragmentos escolhidos” – em seguida, para trazê-la à tona.

Em abril de 2011, uma pesquisa sobre a procura em torno dos termos “diário de nascimento” e “diário do bebê” teve mais de 300 ocorrências. O estudo das respostas mostra que atualmente vários setores competem neste mercado: o de material de puericultura, o das pequenas e grandes editoras, o dos criadores que propõem escrever e ilustrar a história da criança, e por fim, o do material que integra os novos álbuns destinados a arquivar as fotografias. Se eliminarmos os dois últimos produtos desta lista, trata-se de uma centena de modelos de diários de nascimento que são oferecidos para venda. O que nós designaremos neste artigo como “diário de nascimento” se distingue primeiramente pelas suas características físicas: tamanho, tipo de capa em papelão ou às vezes coberta com tecido, número de páginas entre 30 e 40. O título se refere a uma variedade de formas, é um objeto atribuído à criança pessoalmente: “*Meu livro de nascimento*”, “*O diário do meu bebê*”, “*Meu Bebê*”... As páginas, frequentemente ilustradas, são organizadas por seções com títulos e legendas. Os espaços são destinados aos textos a serem produzidos pelos pais, com escritas e imagens. Algumas editoras diferenciam os diários de nascimento destinados aos meninos dos destinados às meninas: as cores da capa e dos fundos de página assim como as ilustrações, se referem à representação de brincadeiras ou do quarto da criança em particular, são, portanto, marcados pelos estereótipos de gênero.

Produzir, conservar e classificar as imagens da infância

Conservar os traços da infância conduz, quando se tem os meios, para produzir um vestígio iconográfico. O estilo pictórico do retrato, que se refere a



várias funções sociais, é de considerável importância a partir do século XVI, quando se torna secular (BEYER, 2003). Colocado no interior das práticas sociais nobres, o retrato não assegura unicamente a perpetuação da lembrança de desaparecer. Quando as crianças aí figuram ao lado de seus pais, representam a promessa da continuidade da linhagem familiar. Assiste-se ao apogeu deste gênero no século XIX, onde a afluência nos meios burgueses reflete sua ascensão social assim como as novas representações da família e da infância.

Em primeiro lugar, são abordados os retratos de família que colocam em cena a criança. Depois, os retratos das crianças, individualmente ou em conjunto com os irmãos. Alguns como os outros demonstram a importância para os pais de imortalizar uma história familiar colocada sob a marca da prosperidade econômica e afetiva. Estes traços de uma felicidade prosaica, que destacam o surgimento de novas representações da família e da infância (MARTIN-FURGIER, 1987) se multiplicam quando as técnicas fotográficas se impõem.

O retrato em pintura é substituído em favor do retrato fotográfico realizado nos principais eventos da vida, depois em ocasiões menos excepcionais quando a fotografia cada vez mais se democratiza. A predileção por retratos fotográficos amadores atenua “as fronteiras entre o retrato ‘posado’ e o instantâneo ‘roubado’” (SCHAEFER, 1997) e, provavelmente explica a preferência particular para a escrita que se aplica a partir de agora a datar e comentar a imagem. Enquanto os vestígios iconográficos se multiplicam, as maneiras de arquivar e de classificar se estabelecem, coligadas a práticas para organizar, datar e comentar estes arquivos familiares visuais. A escrita possibilitou outras narrativas sobre a história de vida, pois apenas a imagem fixa por vezes não permitia expressar as emoções da criança, dos pais e dos membros da família.

Os diários de nascimento não são somente uma variante comentada do álbum fotográfico familiar. De uma parte, o objetivo se concentra sobre uma criança; de outra parte, a escrita suplanta a imagem, as ilustrações e as fotografias reunidas.

Sobre a tela, as escrituras ordinárias dos “pais digitais”

Sob um efeito conjunto, as literaturas sobre o nascimento se desenvolveram e se tornaram mais visíveis devido ao desenvolvimento do uso da Internet. Na França, desde meados dos anos 2000, a multiplicação das escrituras parentais no interior de uma população de pais socialmente muito diversificada, se inscreve em novas formas de trocas eletrônicas particularmente investidas por estes adultos da geração dos “nativos numéricos” (“*natifs numériques*”) ou “nativos digitais” (“*digital natives*”). Se todos os jovens pais desconhecem a Internet desde sua infância, a maioria entre eles é íntima dela e a utilizam como fonte de informação. Isto se alinha aos estudos que mostram que os internautas a valorizam para as trocas interpessoais e por manter relações com os amigos e sua



família (BOASE, HARRIGAN, WELLMAN e RAINIE, 2006; STEFANONE e JANG, 2007).

Os futuros pais, majoritariamente as mães, criam seus *blogs* a partir de seus projetos de maternidade, ou escolhem fazê-lo após ter pesquisado por informações, participado de fóruns e frequentado comunidades identificadas pelos termos “família”, “criança” ou “gravidez”. Algumas marcas comerciais propõem seus próprios fóruns e oferecem a possibilidade de criar um *blog*, integrando ou não anúncios publicitários. As futuras mães e jovens mães são, de fato, o público-alvo de um mercado que prospera sobre gravidez, parto e infância. Na linguagem comercial e midiática, a expressão “*mãe digital*” (*digital mum’s*) se impõe, renovando o termo “*do lar, ou dona de casa*” (“*ménager*”) outrora corrente, a uma época passada. Elas são incentivadas a criar um *blog* que, segundo o patrocinador de um site, permite “*aos futuros pais se expressarem, por meio da internet, enfrentar seus medos, seus questionamentos, mas também a alegria de serem pais*”. Guiado para definir um estilo, os pais são também convidados a integrarem as comunidades que se identificam por alguns nomes: *família, mãe e mulher, lazer, saúde...* ou para criar ligações afim de beneficiar de um “*seguir sua gestação*”.

Na verdade, a busca de informação e leitura acompanha há um longo tempo a maternidade, como atesta, por exemplo, as 54 edições em língua francesa, entre 1954 e 2009, da obra de Laurence Pernoud *Estou esperando uma criança (J’attends un enfant)* (MIETKIEWICZ e SCHNEIDER, 2011). Mas as trocas na internet têm outras funções além daquelas de se informar. Elas permitem considerar o movimento de extrema importância da experiência dos pais e de socializá-la, especialmente, em situações de adversidade (FRANCIS, 2011). E quando o nascimento se anuncia sob os auspícios da paz, a escritura ordinária enfatiza o caráter extraordinário da experiência. Esta mensagem endereçada ao futuro bebê é ilustrativa. Intitulado *Como eu soube que te carregava (Comment j’ai su que je te portais)* este é o primeiro recado postado por uma jovem mãe em seu *blog* denominado *O início de uma fabulosa história (Le début d’une fabuleuse histoire)*: “*Era manhã de 11 de agosto, após duas semanas de atraso, eu pedi um teste de gravidez em um local, que deu positivo, eu tinha feito um exame de sangue para confirmar a boa notícia. Minha primeira reação, foi chorar de alegria, era o início de uma fabulosa história. A mudança para sempre em minha vida: a chegada do meu bebê, tão desejado*”.

A escritura guiada por diferentes formatos e ferramentas em *blogs* (JEANNE-PERRIER, 2006) pode, assim como em diários de nascimento, ser considerada como uma escritura “*enquadrada*” (“*encadrée*”). A cadência temporal é marcada pela inserção automática de textos informativos sobre a evolução do feto ou ainda por ilustrações no *blog* que marcam a contagem regressiva até o nascimento (FRANCIS, 2010). Uns como outros impõem um ritmo à escrita. As futuras mães descrevem sentimentos, mudanças corporais e emoções enquanto



os comentários das leitoras confirmam as intuições e oferecem conselhos, inclusive sugerindo a consulta a *sites* especializados ou profissionais.

Alguns meses mais tarde, após o nascimento, surgem os registros dos fatos marcantes ou cotidianos da pequena infância. O *blog* registra então a “crônica das primeiras vezes” (*chronique des premières fois*) (FINE, LABRO e LORQUIN, 1993) do bebê certamente, mas também dos pais que abordam uma nova vida. Algumas narrativas – da primeira noite completa, a amamentação, a primeira separação... – aparecem como marcadores de uma experiência maternal ou de parentesco demarcadas por estes pequenos temas de orgulho onde a família corta em etapas um percurso anunciado.

Este período em torno do nascimento é marcado de uma felicidade tingida de apreensões, de questionamentos fortes e de angústia que as mães tentam compartilhar no interior de uma comunidade solidária reunida em torno de centros de interesses e de preocupações semelhantes às delas se não, idênticas às delas. O *blog* tem por objetivo instruir outros pais, ao mesmo tempo em que oferecendo o que foi aprendido, dramatizando o papel maternal marcado pelas responsabilidades e uma forte carga emocional como o relato desta mãe na mensagem de introdução de seu *blog*: “A ideia deste *blog* é falar da maternidade, dos bebês, do aleitamento, dos truques práticos ou não práticos, de fazer as perguntas sem necessariamente encontrar uma resposta, mas tudo com HUMOR! E sim, ser mãe é às vezes, assustador, mas é de tal felicidade que se deve aproveitar e colocar o riso em tudo. Se você pensa como eu, estou ansiosa para vê-la o mais rápido possível (isso muda muito quando a gente é uma jovem mamãe!!!!) neste *blog*”.

As famílias que criam um *blog* fazem também, frequentemente, um diário de nascimento. Aparentemente os pais participam muito mais para a realização de um *blog* do que um diário de nascimento. Eles são por vezes os mesmos autores, quando eles são apaixonados por tecnologia, informática, fotografia ou vídeo ou quando se sentem mantidos de fora de um projeto de gravidez ou de uma gravidez de risco na qual toda a atenção é centrada na mãe.

2-Representações da infância e figuras de pais biógrafos

Que o suporte escolhido deixa livre curso a uma prática diária pessoal tendo uma função expressiva afirmada, ou que, como nos diários de nascimento, ele guia precisamente a caneta dos pais incentivando a completar os títulos, a escritura em torno do nascimento engaja os pais sobre as vias, por assim dizer, traçadas: as de observação, da linguagem e da memória familiar, memória socialmente construída assim como demonstrou Halbwachs (1925).



Escrituras parentais e representações da infância

Em uma mesma época, os diários de nascimento podem refletir diferentes representações da família e da infância, idealizar ou visar à autenticidade como demonstram estes dois exemplos. O *Grande diário de minha criança*⁹ (*Grand journal de mon enfant*) é apresentado como segue: “Os primeiros meses, depois os primeiros anos, da vida de uma criança são verdadeiramente mágicos. O bebê vai mudar, muito rapidamente, tornando-se um pequeno ser em constante mudança com as quais você vai viver a mais bela das aventuras.” Em um outro estilo, o *Caderno de Nascimento (Cahier de Naissance)*¹⁰ se propõe a romper com a abordagem convencional que foca sobre a infância, as belas e boas lembranças: “Por que um novo caderno de nascimento? Porque um bebê, não é somente os primeiros balbucios, o primeiro dente, os primeiros passos... é também a alegria das regurgitações, a felicidade das viagens perdidas, os erros dos pais, o estresse das primeiras quedas (cascades) ... tudo isso que não entra nas “lembranças oficiais” mas acontece de verdade! Falando para a criança que descobre mais tarde, que os pais colecionam histórias e fotos com uma boa dose de autoironia.”

Com destaque para os títulos, sua denominação e os incentivos à escritura, os diários de nascimento permitem visualizar as representações da infância a partir dos ritos de passagem, do nascimento ao fim da infância: “Minhas visitas ao médico”, ou “Ai! as mordidas!”, “Meus primeiros passos” ou “Ficar em pé!”, “Minha primeira velinha” ou “Um ano já!”. Estes ritos de passagem correspondem a uma definição das idades da vida, da pequena infância para a infância propriamente dita. A entrada na escola maternal significa o fim da pequena infância enquanto que o fim da infância corresponde, de acordo com estes diários de nascimento, ao sexto ou sétimo aniversário da criança. Esta divisão é acompanhada às vezes de comentários que podem fazer referência explícita ao modelo educativo sustentado no diário de nascimento. Assim, em um álbum, a entrada na idade da razão aparece em referência a uma iniciação religiosa claramente definida: “Você tem sete anos, a idade da razão, atenção teus pecados vão contar.”

Pais observadores, colecionadores e educadores.

Ao longo das páginas estão as informações sobre seu crescimento, sua alimentação, os sinais sobre seus estímulos sensoriais, que os pais são

⁹ O Grande diário de minha criança. (*Le grand journal de mon enfant*), F. Ploton e C. Gandini, City Editions, 2011.

¹⁰ Tudo o que é imperativo que você saiba sobre você, (*Tout ce qu'il faut absolument que tu saches sur toi*) de C. Delbé et J. Verley, Actes Sud Junior, 2009.



convidados a anotar. A estrutura destes diários é baseada nas seções da caderneta de saúde concebida para acompanhar o desenvolvimento motor, linguagem e psico-afetivo e que após os anos 1950 é oficialmente instituída para a criança ao nascer (ROLLET-ECHALIER, 1990).

Percebe-se aqui a referência a um documento médico mais recente, a caderneta de maternidade conferida às futuras mães quando realizam a primeira consulta médica. Pois o diário de nascimento tem um estatuto especial, tanto como coletânea de textos de memória como livro prático para ser usado como guia. Certos editores justificam a legitimidade e a qualidade de seus produtos dizendo que seu projeto recebeu conselho de um membro que tem autoridade no campo da pequena infância, pediatra ou psicólogo, evidentemente dos pais, eles mesmos, e se possível de muitas crianças. Em relação a estas observações os pais são assim levados a serem os melhores suportes do seu bebê. Ele é convidado a resenhar os itens sobre sua alimentação, seu sono, sua evolução motora, o desenvolvimento da linguagem, sua socialização: *“minha refeição”, “eu sustento minha cabeça com... meses; eu dei meus primeiros passos”, “minhas primeiras palavras”, “meus amigos”*. As sessões colocam em cena as práticas educativas, prática de cuidado, de educação, enquanto que a escolha dos formatos sugere os contornos de um modelo educativo parental atencioso, apoiador, estimulante. Pois, convidar o pai para registrar os sinais do seu crescimento, o fazer utilizar a caneta e a palavra em nome da criança para descrever suas aprendizagens, constituem incentivos para posicioná-lo em uma função educativa.

As seções requerem produções escritas concisas e sucintas para estas escrituras encadernadas. No entanto, os pais muitas vezes ultrapassam o espaço designado como evidenciado pela adição de folhas ou colagem de pequenos objetos. Isto aponta para os modos de apropriação destes suportes de maneira singular, se inscrevem em alguns casos, em uma abordagem criativa reivindicada pelas mães. Em um álbum, uma minúscula meia de bebê foi conservada, em outro lugar, uma amostra de fralda que a criança precisava para dormir e que a mãe bordou. Os editores têm percebido e alguns têm incorporado o diário de nascimento a uma caixa ou em um revestimento com papel resistente. Pequenas caixas ou gavetas ajudam a manter estes tesouros da infância – pulseira de nascimento, mechas de cabelos, dentes de leite, primeiro par de meias, primeiros desenhos... – e associam as práticas de escritura com as de um colecionador.

A memória familiar: uma memória geracional, relacional, afetiva

Nestes diários de nascimento é a identidade civil da criança que o pai deve anunciar em primeiro lugar na apresentação do recém-nascido, seu nome, sobrenome, seu tamanho e seu peso, o local, dia e hora do nascimento. Ele deve também situar o bebê na genealogia familiar como mostra o lugar reservado, na



maior parte dos diários, para a árvore genealógica destinada a visualizar o parentesco. Os pais são convidados a nomear os membros da família, para ver e precisar as conexões que os conectam a criança. A representação dos modelos familiares, matrimoniais e parentais, figura de maneira mais ou menos convencional, influenciando fortemente a escolha do diário de nascimento. Em uma entrevista, uma mãe diz *“eu tinha escolhido um diário onde tivesse lugar para colocar não uma avó materna, mas duas porque eu sou uma criança adotada e eu encontrei minha mãe biológica.”* A representação das formas da aliança de casamento é outro elemento importante nesta escolha, alguns diários de nascimento propõem uma seção sobre o casamento dos pais, às vezes seus noivados, como outros que oferecem muitas páginas duplas um espaço em aberto, por exemplo: *“Veja como tudo começou”* é seguido de *“Meu papai e minha mamãe”* depois *“Antes de eu entrar em cena”*.

Outra desta memória genealógica, os diários de nascimento visam à construção da memória relacional na qual as formas mudam segundo a época e os editores. Assim, a seção *“mensagens de felicidades”* tende a desaparecer em favor de outras destinadas à apresentação das *“primeiras visitas”* ou dos primeiros presentes dados ao bebê.

O aumento da memória afetiva

Muitos diários de nascimento sugerem que eles são destinados a recolher as *“belas lembranças”* e de fato, as escrituras parentais enfatizam a memória relacional com ênfase nas lembranças comoventes propondo uma imagem eufemística da infância.

Conforme as escolhas editoriais, as diferenças aparecem na evocação e na memória geracional e relacional. Assim, em alguns diários de nascimento, a memória da relação familiar destaca a recordação dos eventos especiais da família, tais como o dia do batizado, da circuncisão, das festas familiares e dos aniversários. Nestes itens são citados os padrinhos, avós, tios e tias, primos próximos e distantes.

As memórias relacionais e afetivas da família são colocadas em relevo no contexto ordinário quando o diário de nascimento propõe identificar *“aquilo que importa”* para a criança: os irmãos, vizinhos e amigos, os profissionais da pequena infância. A professora da escola maternal e os colegas aparecem a partir dos anos de 1950 em seções denominados como *“A escola”* ou *“Meu primeiro dia na escola”*. Em edições mais recentes, são as estruturas da pequena infância que são mencionadas – *“Eu vou à creche”* ou *“Quando meus pais trabalham...”* – e os textos citam as assistentes maternais e as educadoras. Os animais domésticos são integrados aos companheiros de jogo. A narrativa trivial da memória relacional – que integra uma memória afetiva ligada às pessoas, aos lugares, aos objetos... – é acentuada quando diversas seções são dedicadas aos temas do jogo e das emoções: com relação ao primeiro item nós temos *“meus*



brinquedos preferidos"; "eu jogo fora", "eu me fantasio"; "minhas primeiras proezas"... e, com relação ao segundo item "minhas risadas", "minhas raivas", ou ainda "minhas primeiras palavras", "eu estou triste quando..."

Orientado pela construção de relações familiares, a escrituras parentais em *blogs* são, por sua vez, uma grande parte da memória afetiva.

Embora tenha sido de outra forma amplamente marcada pela interioridade (MUXEL, 1995) ou partilhada unicamente ao nível interno do seu grupo familiar, ela tende a se fixar em um círculo largo, incluindo uma comunidade de desconhecidos sensíveis à imagem desta família relacional aberta ao olhar e afirmando o lugar da afetividade. Os pais a constrói quando mostram os momentos de felicidade ordinária que singularizam a relação com a criança, bem como o lugar central dela nos grupos de familiares e de amigos. Esta versão escrita da memória da infância traça passo a passo as ligações que unem pai(s) e criança pela experiência repetida das "primeiras vezes" ao longo de toda a pequena infância e não somente, de uma única primeira vez.

Com o suporte do *blog*, os diários de nascimento não se limitam mais à esfera privada (FRANCIS, 2007), produzindo um movimento de exteriorização da memória familiar que valoriza esta memória afetiva. Os membros e amigos da família ou os internautas que visitam os *blogs* alguns dos quais com regularidade, relatam: "que prazer de ver uma família tão bonita" ou ainda "obrigado por estas páginas que mostram a felicidade simples de sua vida em família".

O papel de biógrafo dos pais

Práticas ordinárias de escritura e reflexividade

A opção de manter um diário responde ao desejo de experimentar a intensidade do nascimento e da pequena infância: a escritura registra as emoções, permite segundo uma mãe "viver duplamente este período que passa tão rápido".

Ela pode transcrever os sentimentos de estranheza dos primeiros dias onde, escreve uma mãe que começou este diário durante a gravidez, "ao nascer, é difícil de conseguir porque como eu tenho escrito é ainda si mesmo e ainda outro". Os textos desvelam as tensões entre paciência e impaciência, felicidade e seriedade, confiança e angústia... As indicações factuais sobre o nascimento e a descrição do bebê são postas ao lado das passagens onde são expressos os sentimentos dos pais, mas são, sobretudo, os textos dos *blogs* que evocam a ansiedade e a dificuldade de ser um pai quando se é confrontado com a adversidade (FRANCIS, 2011).

Se a escritura é considerada como uma forma de "aproveitar o melhor de cada novidade" é porque ela relata a observação tanto quanto a alimenta. O ato de escrever torna sensível às mudanças e às evoluções mais tênues. "Como eu escrevo a cada dia em meu *blog* para desfrutar minha família de meu bebê, eu anoto os detalhes que talvez eu não teria percebido", explica uma



mãe. Registrar as observações é ter discernido as tendências ou pôr em relevo as evoluções. As seções oferecidas em alguns destes diários estimulam os pais a centrar sua atenção sobre os aspectos que eles não teriam revelado por eles mesmos, ou que eles, talvez, teriam observado mais tardiamente. Um pai nota que a escritura leva-o a observar “*as coisas que não saltam aos olhos imediatamente e que podem ser importantes*”. A escritura tem um “efeito projetor”¹¹ e essa dimensão é muito mais frequentemente sublinhada quando se tem vários filhos ou em famílias recompostas. A atenção dada a cada um aparece por igual quando se desenvolve um “*hábito de observação*”.

O tempo da escritura e da observação pode ser quase simultâneo. Alguns pais dizem captar a evolução dos filhos “passo a passo”. Eles tentam, por meio da escritura, lidar com as rápidas transformações do bebê que muda dia a dia. Escrever é uma forma de aproveitar duplamente cada um destes instantes que lhes parecem fugazes. Fixar o presente é também poder aí retornar. É poder mensurar o caminho percorrido: o da criança, mas também o que retrata seu próprio percurso, desde as crenças enfrentadas face ao pequeno até a desenvoltura adquirida. Uma mãe nota quatro meses após o nascimento de seu filho que ela “*aprendeu muito*”. Manter um diário leva a reviver a experiência que, uma vez escrita, é suscetível de se manter à distância e ser examinada com um olhar amigável ou irônico. Esta distância é reforçada quando os pais navegam na internet onde eles visitam *blogs* de pais e recebem comentários que são muitas vezes abertos e de apoio.

Se, em qualquer que seja o suporte, a escritura está longe de tudo registrar, os *blogs* que incorporam as vozes dos membros da comunidade, amigos, familiares e internautas parecem oferecer mais que os álbuns, espaços de mediação reflexiva. Aqui, entre a vida profissional, gestão da administração familiar e o trabalho dos pais, a escritura “*marca uma pausa*” e as mães que mantêm um *blog* o classificam entre suas realizações profissionais.

Oferecer sua história à criança

A escolha de escrever um diário de nascimento pode estar relacionada ao fato de possuir um de sua própria infância e de ter tido o prazer de percorrer as narrativas de sua própria infância, ou, ao contrário, de possuir poucos traços de sua pequena infância. As mães muitas vezes mencionam várias práticas de escritura pessoais variadas – diários íntimos, cadernos... – sobre um longo tempo ou não e se inspirando de maneira mais ou menos importante no modelo escolar. Para os pais, as escrituras sobre o nascimento têm um valor a mais em relação à imagem fixa ou em movimento e contribuem, melhor do que estes traços visuais, para a construção da identidade familiar “*nós anotamos nossas emoções*,”

¹¹ “Effet projecteur”



as situações engraçadas, que fazem parte de uma vida que não pertence à outra pessoa que não a nós!” explica um pai.

Outra desta dimensão identitária, tem nessas práticas de escritura como um dever de transmissão da memória familiar. Os pais mencionam os “creusets¹²”, ou seja, os recipientes de uma memória do grupo familiar representado por lugares – uma casa da família, um local de férias– e os rituais de pertencimento ao grupo (NEUBURGER, 2006) tais como as festas de aniversário, as comemorações excepcionais ou regulares da família como as “reuniões de família” (“*cousinades*”¹³). A realização de um diário de nascimento compartilha da constituição desta memória familiar onde a ênfase colocada sobre a identidade individual garante também o pertencimento ao grupo e a construção de sua identidade, em particular por aquelas que concernem às práticas ligadas aos *blogs* por vezes concebidos para manter contato quando os membros da família estão dispersos.

Os pais surgem particularmente como biógrafos no período pré-natal depois dos primeiros anos, aqueles que não podem ser memorizados sozinhos pela criança. Isto figura há décadas nos suportes da memória familiar como aponta este trecho de um diário de nascimento datado de 1960 “*Meu papai queria que eu fosse... e ele sugere que eu me chame...*”¹⁴. O lugar dado à criança por nascer e sua recepção é muito claro no início dos anos 1990 onde as seções convidam cada vez mais os pais a descreverem os meses de espera. Com o lugar ocupado para os cuidados na gravidez e os diagnósticos médicos, os textos precedentes ao nascimento são em grande número, especialmente nos *blogs* onde a escritura anuncia, descreve e compara as visitas e os exames médicos.

A partir do nascimento os pais testemunham para a criança os “seus primeiros passos na vida”. A partir de então, a escritura relata os episódios de uma experiência singular em captar seu caráter único como mostram as várias evidências apontadas em alguns textos: circunstâncias do nascimento, morfologia do bebê ou ainda as etapas do desenvolvimento motor e da linguagem relacionados à idade do *seu* bebê nos contextos espaciais e relacionais devidamente mencionados: “*você deu seus primeiros passos em 13 de abril na casa da tia Sophie, aos 11 meses e 9 dias, você não estava atrasado!*”. O relato das primeiras vezes acompanhada de expressão de emoções dos pais “*hoje você deu seu primeiro sorriso, não era aquele ‘sorriso dos anjos’ que você dá quando está saciado depois de mamar, não era o sorriso quando você me viu sobre sua cama. Eu gostaria que você soubesse a felicidade que eu senti*”.

¹² Creuset- reservatório, os escritos dos pais são uma espécie de reservatório de lembranças.

¹³ Cousinade – uma festa organizada pelos primos somente para se ver, se encontrar, não é um acontecimento como aniversário e/ou casamento, é só para se ver.

¹⁴ O *livro do meu filho (Le livre de mon enfant)*, de S. et J. Boland aux Editions Solar, é apresentado na edição de 1960 como um diário ilustrado.



Ao conservar as fotografias e ao produzir os textos, estes traços com forte valor afetivo e memorial cuja ausência é muitas vezes vista como “o indício de relações filiais defeituosas (problemáticas)¹⁵” (MORTAIN, 2002), os pais tecem a memória familiar. Estes suportes, onde são essencialmente coletados dos melhores momentos da infância, compõem estes objetos memoriais que se tornam o tesouro federativo da família. Consultas e leituras destes diários de nascimento podem ser colocadas na classe dos rituais familiares, pois elas mostram que os encontros familiares são a ocasião de consultar ou completar o livro de ouro da criança.

A criança leitora convidada

Alguns diários, pessoais ou íntimos, se caracterizam por uma escritura de si e para si onde quem escreve se dirige a si mesmo e exclui qualquer leitor potencial (SIMONET-TENANT, 2004). Mas um componente inerente do projeto de escritura parental durante a realização de um diário de nascimento é de integrar a criança como destinatária, que eles se dirigem a ela ou quando falam em seu nome.

Com o desejo de guardar na memória os momentos marcantes da infância, os pais associam a vontade de fazê-la se descobrir criança quando estiver maior. Ao realizar este trabalho de memorialista, ele se projeta desde o nascimento da criança em um papel forte e diferente daquele que ocupava no momento onde ele destaca estes fragmentos de biografia. Mesmo quando ele recolhe suas observações de jovem pai, ele já as caracteriza em lembranças e as coloca no coração em futuras situações de troca. A criança é designada como leitora convidada destes textos, um ouvinte de suas próprias façanhas, o interlocutor de conversas futuras. Ao mencionar que eles escrevem para compartilhar estes bons momentos com os filhos mais tarde, os pais significam que as escrituras parentais são de alguma forma “o futuro do presente” (LE WITTA, 1985), uma construção familiar na qual ele recorre no futuro.

A escritura de novos textos conduz os pais a voltar mais rapidamente na sua história com a criança, por exemplo, quando ele escreve sob seu olhar e às vezes, em sua companhia. É o caso quando o pai imprime com seu bebê sua mão em seu diário, quando alimenta seu *blog*, escreve uma mensagem, seleciona uma fotografia para acompanhar, descobre os “*com*”¹⁶ postados por seus leitores. As trocas se desenrolam segundo modalidades muito diferentes conforme o caso. Se o diário na tela é especificamente dedicado aos momentos felizes, ele oferece oportunidades de partilha entre os pais e as jovens crianças em torno destas imagens no meio virtual, mas igualmente em torno dos objetos, *mouse* e teclado, que as crianças manipulam instaladas no colo de seus pais. Os diários onde se

¹⁵ “L’indice de relations filiales défectueuses”.

¹⁶ Abreviatura da palavra “communication” utilizada pelos blogueiros na Internet. (N.T.).



aproximam escritas pessoais dos pais e escritos de memórias, são destinados para a criança em um futuro menos imediato, as mensagens mais antigas em particular não serão sempre destinadas a serem compartilhadas com o filho quando o pai passa por momentos difíceis.

Segundo estes diários, o recorte dos anos da vida marca, do período pré-natal até o fim da escola maternal, as presenças diferentes dos pais em função da idade da criança e de seu lugar de ator nestas práticas de memorizar (*mémoracy*).

O mercado editorial oferece assim diários de nascimento cujos títulos – *Minha Infância* ou ainda *Eu conto minha infância* – sugerem explicitamente as práticas compartilhadas onde a criança é o ator. Seus primeiros traços, realizados por pais que desempenham o papel de um escriba, solicitado por ele ou de forma espontânea aparece no diário de nascimento. Estas são as impressões do bebê, os primeiros “rabiscos” (“gribouillages”) ou “desenhos” (“barbouillages”), o arquivamento de “papéis de família” (“papiers de famille”) tais como os cartões de aniversário recebidos pela criança.

Os momentos de troca em torno destes textos sobre a primeira infância são realizados desde muito cedo quando seu diário é acessível às crianças porque estas amam vê-lo, tanto quanto aos álbuns de fotografias. O nascimento de um caçula muitas vezes é uma oportunidade para se referir ao diário para preparar a chegada do futuro bebê e discutir as futuras mudanças na casa. Na verdade, as crianças amam histórias sobre sua história, eles amam olhar e comentar seus diários de nascimento, ou mesmo para contar e ouvir seus pais contarem alguns episódios de suas vidas. Axel, de sete anos, diz “*mesmo quando eu não sabia ler, eu olhava meu diário de nascimento, eu amava ver as fotos e minha mãe lia o que ela tinha escrito*”.

Esta coleção de trechos selecionados da infância inclui um projeto de futuro onde pais e filhos se reúnem em torno destes traços de memória. Se estes textos conectam a criança a uma rede familiar extensa, eles também a conecta aos pais de sua infância e as funções que asseguram a ele: a mudança, o transporte, a alimentação... Este passado colocado em cena pela escrita e pela fotografia coloca à disposição um repertório de referências comuns capazes de fecundar as futuras relações, de realizar esta relação familiar fundada sobre a comunicação entre os membros e, particularmente, sobre a comunicação entre pais e filhos. Estas lembranças, marcadores simbólicos da história familiar, contribuem para construir a história emocional da família e a edificar “uma identidade afetiva da família” (BERTAUX-WIAME e MUXEL, 1996).

As escrituras parentais, uma atividade biográfica na sua extensão socializadora

O diário de nascimento, suporte emblemático da memória familiar, está no centro das interações onde a descrição da infância sob a forma de



fragmentos ou desenvolvida, é produzida pelos pais biógrafos. Em uma extremidade, a memória do nascimento registra textos e imagens dos acontecimentos excepcionais, que se parecem com os momentos de felicidade ordinária. A restituição que é feita é tanto marcada pelo suporte e sua organização como pela própria narrativa. Na outra extremidade, os *blogs* oferecem uma conjugação ótica, em particular quando as escrituras parentais sobre o nascimento integram uma variedade de “vozes difratadas (dispersas)” de pais no espaço aberto de uma “blogosfera”.

Se o diário de nascimento requer a história do nascimento da criança, podemos considerar que ele sustenta igualmente um nascimento em dobro, da criança e dos pais, ou dos pais reunidos.

Atores e autores, os pais biógrafos fazem a obra posicionando-se como observadores, colecionadores, memorialistas. O papel de biógrafo repousa em parte suas escrituras parentais em torno do nascimento destinado a memorizar os momentos felizes da infância e a perpetuar a lembrança. Esta coleção de extratos selecionados da infância integra a esperança de um futuro onde pais e filhos serão reunidos nas trocas cúmplices. Um projeto relacional deste tipo já estava presente em Charles-Etienne Coquebert de Montbret, que em 1781, expressou sua alegria em ser pai e as perspectivas felizes que lhe deram: “*Aqui está o amigo que o céu me destinou, este que deve ser o encanto da minha vida, meu colega de estudos, meu confidente*”.

As escrituras parentais destacam “a dimensão socializante da atividade biográfica, a função que ela exerce na forma como os indivíduos se compreendem e se estruturam em um produto de colaboração de si e do mundo social” (DELORY-MOMBERGER, 2010, p.31). Sem dúvida, podem-se considerar estas práticas no cruzamento entre um questionamento e de uma busca de identidades em construção anteriormente localizadas em sua interioridade. Elas participam hoje desta empresa de produção identitária inscrita nas mediações ativas onde o si mesmo faz a experiência dos outros realçando sua singularidade de indivíduo (MARTUCCELLI, 2002).

No entanto, o lugar que ocupam estes textos sobre o nascimento em um grande número de famílias, onde a influência da cultura da escrita está enraizada na cultura escolar irrigada pelas ferramentas tecnológicas e sustentada por uma grande oferta de mercado, não deve conduzir para negligenciar ou ocultar a importância destes traços memorizados e restituídos oralmente. A trama do passado, que desenha esta história do bebê em construção, está longe de ser apenas formada para a conservação de objetos e escrita, a elaboração e transmissão da memória familiar não se amparam unicamente sobre os traços escritos.



Referências bibliográficas:

ANDRIES, L. & BOLLEME, G. **La Bibliothèque bleue**. Littérature de colportage. Paris: Laffont, 2003.

ARIES, Ph. **L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Plon, 1960.
BERTAUX-WIAME, I. & MUXEL, A. Transmissions familiales: territoires imaginaires, échanges symboliques et inscription sociale. In : DE SINGLY F.; MARTIN, C.; MUXEL, A. et al. (Dir.) **La Famille en questions l'Etat de la recherche**. Paris: Syros, 1996.

BERTHIAUD, E. Grossesse désirée, grossesse imposée: le vécu de la grossesse aux XVIIIe-XIXe siècles en France dans les écrits féminins privés. **Histoire, économie & société**, 4/2009 pp. 35-49.

BEYER, A. **L'Art du portrait**. Paris: Éditions Citadelles/Mazenod, 2003.

BOASE, J.; HERRIGAN, J. B. ; WELLMAN, B. & RAINIE, L. **The strength of Internet ties**. Pew Internet & American Life, 2006.
http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Internet_ties.pdf

CHARTIER R. Culture écrite et littérature à l'âge moderne. **Annales**, n° 4-5, 2001.

CSIKSZENTMIHALYI, M. & ROCHBERG-HALTON, E. **The Meaning of Things, Domestic Symbols and the Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

DELORY-MOMBERGER, C. **La condition biographique**. Essai sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2010.

DUFIEF J.-P. Les Écritures de l'intime, La Correspondance et le journal. **Actes du colloque de Brest**, 23–25 octobre 1997. Introduction. Paris: Champion, 2000.

FABRE, D. (Dir) **Écritures ordinaires**. Paris: POL, 1993.

FINE, A. Écritures féminines et rites de passage. **Communications**, 70, pp. 121-142, 2000.

FINE, A.; LABRO, S. & LORQUIN, C. Lettres de naissance. In: FABRE, D. **Écritures ordinaires**. Paris: Editions POL-Centre Georges Pompidou, 1993.

FRANCIS, V. Becoming a parent: what parental writings teach us. In: LA SALA, G.B.; FAGANDINI, P.; MONTI, F. & BLICKSTEIN, I. (Eds) **Coming into the**



World: A Dialogue between Medical and Human Science (pp.65-84). Berlin/New-York: De Gruyter, 2006.

_____. Pratiques d'écriture et processus de parentalité. **Actes du colloque Le biographique, la réflexivité et les temporalités** (pp.62-65). Tours (France) 25 au 27 juin 2007.

_____. Devenir mère: le blog comme trace du compte à rebours. **XIIIème Congrès International de l'Association Internationale Francophone de Recherche en Education Familiale**. Florence, 17-19 nov. 2010. <http://www.aifref2010.org/FR/home.html>.

_____. Pratiques d'écritures parentales et empowerment des parents. **Colloque International La recherche biographique aujourd'hui: enjeux et perspectives**. Lille: 18-20 mai 2011. http://evenements.univ-lille3.fr/recherche-biographique/?Programme_Scientifique

FRANCIS, V. & CADEI, L. Les écrits des parents sur l'enfant. Albums de naissance, journaux d'enfants et blogs en France et en Italie. **Actes du XIIIème Congrès International de l'AIFREF**. Florence, 17-19 nov. 2010.

_____. Les blogs des parents: des pratiques d'écriture parentale comme forme de soutien de la parentalité. In: SCHNEIDER, B. & MIETKIEWICZ, M. C. (dir). **Des écrits pour et sur l'enfant**. Figures de l'enfance et relations éducatives: représentations, savoirs, normes. Toulouse: Eres, (à paraître en 2011).

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: La Haye-Mouton, 1925.

JEANNE-PERRIER, V. Des outils d'écriture aux pouvoirs exorbitants? **Réseaux**, 2006/3, n° 137, p. 97-131.

KNIEBIELHER, Y. & FOUQUET, C. **Histoire des Mères du Moyen-Age à nos jours**. Paris: Montalba, 1977.

LAHIRE, B. **La Raison des plus faibles**. Rapport au travail, écritures domestiques et lectures en milieux populaires. Lyon: PUL, 1993a.

_____. Masculin féminin l'écriture domestique (pp.145-164). In: FABRE, D. (Dir) **Écritures ordinaires**. Paris: POL, 1993b.

LEJEUNE, P. & BOGAERT, C. **Le Journal intime. Histoire et anthologie**. Paris: Textuel, 2006.



LE WITA, B. Mémoire, l'avenir du présent. **Terrains**, n°4, pp. 15-26, 1985.

MARTIN-FURGIER, A. Les Rites de la vie privée bourgeoise. In: ARIES, Ph. et DUBY, G. (Dir) **Histoire de la vie privée**. Tome 4, De la Révolution à la grande guerre. Paris: Seuil, 1987.

MARTUCCELLI, D. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002.

MIETKIEWICZ, M.-C. & SCHNEIDER, B. Laurence Pernoud, j'élève mon enfant: un demi-siècle d'éducation familiale. In: SCHNEIDER, B. & MIETKIEWICZ, M.-C. (dir). **Des écrits pour et sur l'enfant**. Figures de l'enfance et relations éducatives: représentations, savoirs, normes. Toulouse: Eres, (à paraître en 2011).

MORTAIN, B. Parenté: des biens et des liens. In: DORTIER J. F. (coord) **Familles: permanence et métamorphoses**. Paris: Editions Sciences Humaines, 2002.

MOUYSET, S. **Papiers de famille**. Introduction à l'étude des livres de raison (France, XV^e-XIX^e siècle). Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2007.

MUXEL, A. **Individu et mémoire familiale**. Paris: Nathan, 1995.

ROLLET-ECHALIER, C. **Petite histoire du carnet de santé ou l'objectif de la santé pour tous La Politique à l'égard de la petite enfance sous la III^{ème} République**. Paris: INED-PUF, 1990.

SIMONET-TENANT, F. **Le Journal intime, Genre littéraire et écriture ordinaire**. Paris: Téraèdre, 2004.

NEUBURGER, R. **Les rituels familiaux**. Paris: Payot, 2006.

SCHAEFFER, J.-M. **Portraits, singulier pluriel**. Paris, Edition Mazan/Bibliothèque nationale de France, 1997.

STEFANONE, M. A., & JANG, C.Y. Writing for friends and family: The interpersonal nature of blogs. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 7. (2007). <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/stefanone.html>

TRICARD, J. Les livres de raison français au miroir des livres de famille italiens: pour relancer une enquête. **Revue Historique**, 2002/4 n° 624, p. 993-1011. .

Enviado em: 27/08/2011. Aceito em: 14/11/2011